



Veras entrevista Januária Cristina Alves

“Somos todos influenciadores digitais”

A escritora e pesquisadora de educação midiática Januária Cristina Alves vem observando a mídia de vários ângulos: por dentro de sua produção, como jornalista e articulista do jornal digital *Nexo*; e, para além das notícias, estudando práticas dentro da escola que busquem integrar as tecnologias da comunicação e da informação dentro de um ambiente seguro de aprendizagem, e criando pontes com influenciadores digitais e seus seguidores, por meio de seus livros, no sentido de que todos reflitam sobre o que postam, curtem ou repercutem em ambiente digital. “De certa forma, somos todos influenciadores digitais. Se você está nas redes, e tem dez seguidores, você



tem responsabilidade com esses seus dez seguidores”, ressalta. Novamente buscando vários ângulos para abordar o problema, para os seguidores ela escreveu *Como não ser enganado pelas fake news* (Moderna, 2019), e para os influenciadores *#influencerdigitalnareal* (www.redescordiais.com.br), um guia para produtores de conteúdo para jovens na internet.

Autora de dezenas de livros infantis e juvenis, dentre eles *Heróis e Heroínas do Cordel* (Companhia das Letrinhas, 2021) e *O Abecedário dos Personagens do Folclore* (FTD, 2017), Januária Cristina Alves, além de ser fascinada por histórias da tradição oral (“Os cordelistas eram os jornalistas de antigamente, conforme observou nesta entrevista), se interessa pelo tema da formação de leitores – também examinando esse rico processo como autora e como pesquisadora. E nesse sentido ela lança um alerta: a falta de leitura de livros mais extensos, os chamados clássicos, vem formando leitores por demais impacientes. E na lacuna provocada pela pouca leitura de livros e obras mais desafiadoras, geradoras de um repertório cultural e linguístico inestimável, pode estar a explicação para a proliferação das *fake news* e da postura de delegar a terceiros (os *influencers*, por exemplo) a interpretação e análise das notícias.

Nessa entrevista concedida à revista *Veras*, Januária Cristina Alves analisa alguns desafios enfrentados por educadores para tornarem a tecnologia uma aliada e não uma rival no ambiente escolar, mas, também, aponta soluções que estão ao alcance da escola e de pais e responsáveis, como ajudar crianças e jovens a se entenderem no mundo digital, realizando uma espécie de curadoria do conhecimento. Afinal, como ela comenta, muitas vezes diante da esfinge contemporânea da internet o mais importante é saber o que não sabemos e queremos saber, para que nossa busca não se perca em uma selva midiática na qual o combustível dessa nova economia são os nossos dados – que voltarão até nós na forma de ofertas, algumas disfarçadas de notícias, outras saltando aos olhos, outras ainda sutilmente se oferecendo como um casual adereço na vestimenta de alguém com milhares (ou milhões) de seguidores. Esse mecanismo se chama “capitalismo da vigilância”, e Januária gosta de lembrar que compreendê-lo (e lidar com ele) “passa por entender que não existe plataforma gratuita”.

Por Ricardo Prado, editor da revista *Veras*



Veras: *Algumas pesquisas têm revelado que os chamados “nativos digitais” se mostram mais susceptíveis às fake news do que aqueles que costumam se alimentar de informações por meio da mídia tradicional. Na sua opinião, por que isso acontece?*

Januária Cristina Alves: É uma geração muito mais exposta à quantidade de informações. Em termos numéricos, eles têm acesso à informação como nunca houve antes na história da humanidade. É um volume muito grande. Não que isso seja uma justificativa para essa dificuldade, mas é um fato que, quando há abundância de informação, a leitura mais profunda e detalhada acaba passando batido porque se lê de baciada. Isso é um fator. Mas o que eu acho mais determinante é que esta é uma geração menos exposta à leitura. E aqui eu falo de leitura *mesmo*, de livros, como textos de ficção ou informativos. Diversas pesquisas mostram que essa é uma geração que tem, por exemplo, dificuldade em diferenciar um texto de opinião de um texto informativo. Talvez por não terem fôlego para ler com profundidade, eles acabam fazendo uma leitura superficial, tendo dificuldade para diferenciar o que é fato do que é *fake*. E, com isso, acabam sendo um alvo mais fácil para as *fake news*.

Veras: *O que está faltando é a leitura de textos mais longos?*

Januária Cristina Alves: Falta um amadurecimento, um repertório leitor. É uma geração que lê menos clássicos, isso também aparece nas pesquisas, e nós sabemos que a leitura dos clássicos traz bastante repertório para se fazer essa diferenciação. Por conta disso, há uma deficiência de repertório leitor que facilita com que eles caiam mais em *fake news*. É claro que a estrutura das *fake news* mudou, elas são cada vez mais semelhantes às notícias reais, e com o uso de programas que alteram imagens e voz ficou mais difícil fazer esse reconhecimento. Este é um outro desafio trazido pelo avanço da tecnologia. Nós sabemos que os algoritmos hoje mandam na nossa vida, e eles sempre vão procurar textos e informações que têm maior probabilidade de viralizar. E se sabe que as *fake news* têm 70% mais chance de viralizarem do que as notícias verdadeiras. Então há duas coisas aqui: a mudança na forma da informação e a formação leitora.



Veras: *Como a escola consegue trabalhar com esse novo leitor impaciente?*

Januária Cristina Alves: É a tal história da economia da atenção de que tanto se fala hoje em dia. As redes sociais querem que a gente fique lá, no TikTok, no Instagram, por horas e horas, que a gente se perca dentro delas e não saibamos mais o que vimos. Quanto tempo gastamos lá, né? A escola está no meio disso tudo, também disputando a atenção dos alunos. Eu não acho essa tarefa simples, muito pelo contrário. Quando eu estava preparando uma publicação voltada a influenciadores digitais, achei muito interessante o depoimento de alguns jovens, os meninos que são os seguidores: eles falam que estão muito sozinhos, eles não têm quem cheque o que estão lendo e vendo. Eles vão para a rede para aplacar essa necessidade de sentido, de pertencimento. Então eu acho que a escola tem um papel superimportante que é o de se tornar uma comunidade de pertencimento, de ser um lugar onde as crianças e os jovens realmente se encontrem, e se encontrem no outro sentido também, de que saibam quem são e a que comunidade pertencem.

Veras: *Estar muitas horas na internet tem a ver com uma necessidade de pertencimento, de encontrar os seus pares?*

Januária Cristina Alves: Sim, de encontrar gente para conversar, para trocar... E a escola ainda é o lugar privilegiado disso, a importância da sala de aula se mostrou de uma maneira bastante evidente nessa pandemia. O segundo grande desafio vai ser exatamente o de oferecer um repertório leitor diversificado aos meninos. E não acho que é uma tarefa simples.

Veras: *Por que é cada vez mais desafiador ampliar o repertório leitor das crianças e jovens?*

Januária Cristina Alves: Eu tive um professor na minha época de faculdade que dizia: “Ah, a geração que virá depois de vocês jamais lerá *Os Sertões* porque não vai ter nem cabedal e nem vocabulário para atravessar uma obra como essa”. Então, acho que este é o desafio: apresentar para esses meninos e meninas um repertório de leitura que faça sentido. Há alguns casos em que os jovens atravessam páginas e páginas sem problemas, como aconteceu com fenômenos como *Harry Potter* ou *O Senhor dos Anéis*. Então tem alguma coisa aí que conecta esse



jovem à leitura. Acho que são as boas histórias que fazem conexão, fazem sentido com a vivência dos alunos. Numa determinada faixa etária, num determinado momento, os livros trazem questões existenciais importantes. Então, em resumo, acho que tem uma questão que a escola pode, sim, trabalhar muito bem [*no sentido de desenvolver a competência leitora*], que é a escolha desses títulos.

Veras: *Por exemplo, em vez de obrigar a turma a ler José de Alencar buscar histórias que se conectem mais à realidade deles?*

Januária Cristina Alves: Eu acho que até pode ter José de Alencar, mas você tem que apresentar o contexto, você vai encontrar “n” questões ali que se consegue explorar. Se a dificuldade também é atravessar os textos longos, pode-se começar pelas adaptações. Tem muita gente que é contra, eu sou super a favor; inclusive já escrevi adaptação. É muito importante porque vai nesse sentido de fazer uma mediação de leitura, para formar repertório e expor esses meninos e meninas a diferentes tipos de textos. “Vamos ler juntos... vamos fazer um clube de leitura”, são ações que um professor pode propor. Não é à toa que agora esses clubes de leitura voltaram à moda. Se há uma crise de concentração, se esses meninos são, como você falou, leitores impacientes, que têm grande dificuldade de se concentrar e atravessar um texto mais complexo, acho que tem o desafio da família de também ajudar na formação desse repertório.

Veras: *Como a família poderia ajudar a formar esse leitor?*

Januária Cristina Alves: Por exemplo, em relação ao livro do folclore [*O Abecedário dos Personagens do Folclore*, FTD, 2017], eu tive vários relatos do quanto o livro conectou as famílias, que começaram a lembrar as lendas da infância, aquela música que a avó cantava, a história que a mãe contava, e isso vira também um momento de resgate de leituras. As famílias também não conversam sobre livros e leituras, obviamente. A gente vê os pais extremamente conectados, e falando “pô, meu filho não sai do celular”. Sim, ele não sai do celular, mas a situação é que ele está lá e o filho está vendo ele também ligado ao celular, entende? Não acho que exista uma fórmula mágica. Acho que a gente está vivenciando um momento de transição do impresso para o digital.



Veras: *Este seria, então, um momento bastante peculiar em relação à leitura?*

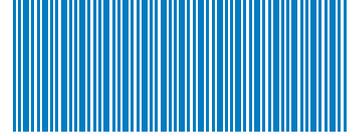
Januária Cristina Alves: Há uma estudiosa americana chamada Maryanne Wolf que tem um estudo sobre a questão da leitura profunda, que é essa leitura de textos mais complexos. O livro dela chama-se *O Cérebro na Era Digital [Contexto, 2019]*, e é muito interessante para quem mexe com o tema da leitura. Ela esteve fazendo alguns webnários dentro do Programa “Leia para uma criança” [da Fundação Itaú Social]. Pois a Maryanne Wolf diz, como neurocientista, que existe mesmo um benefício dessas leituras extensas para o desenvolvimento cerebral. De outra maneira isso não acontecerá. Lendo nas telas também não acontecerá. Essa coisa do virar as páginas, do ter que ler, do poder voltar, “n” coisas, “n” comandos que você faz quando lê um livro impresso e que não faz com o digital. E ela diz o tempo todo não ser contra o livro digital, não é nada disso, o livro não é nenhum libelo para a gente deixar os meninos só com papel.

Veras: *Ou seja, para o desenvolvimento cerebral seria importante o estímulo provocado por obras mais extensas?*

Januária Cristina Alves: É que há um tipo de atenção provocada por essas obras mais extensas que uma leitura curta, mesmo que seja uma sequência de pequenos textos, não representa a mesma coisa em termos de atenção. Não é o mesmo. E também há a questão do desenvolvimento da empatia. São “n” questões que ela coloca, muito interessantes, no sentido de que o texto impresso permite coisas que o digital não. É o célebre “um pouquinho de cada coisa”, para que a gente possa ir formando esse repertório leitor de várias maneiras.

Veras: *Eu queria voltar àquela questão de você comentou há pouco, de que a maioria dos estudantes não sabe distinguir notícia de opinião. Como a escola pode ensinar esse tipo de distinção entre opinião e fato, e que, inclusive, tem a ver com a questão do poder dos influencers?*

Januária Cristina Alves: Eu acho que a situação é realmente complexa. Em um artigo que publiquei no jornal *Nexo* comento uma pesquisa da Reuters que percebeu um aumento do acesso de notícias via mídias sociais. É o que eles chamam de “porta de entrada”. A pessoa lê a *Folha*, por exemplo, mas entra nela pela página do Instagram ou do YouTube, e não direto no jornal. Isso



porque esse público jovem já tem um afastamento da grande mídia, é um público que não vê *Jornal Nacional*, por exemplo. A pesquisa detalha isso, mas o que chama atenção é perceber que uma boa parcela do público acessa a notícia que não está num portal de notícias. Isso é um indicador. E o que mais essa pesquisa trouxe? Principalmente aqui no Brasil, um índice maior do que em outros lugares do mundo, esse jovem prefere que o jornalista dê a sua opinião sobre a notícia do que simplesmente passe a ele os fatos. Então, tem a ver com isso que você falou, de valorizar muito a opinião do influenciador. Então, de certa forma o fato é secundário. A opinião, como é que o cara que ele segue está vendo, é a primeira coisa que chama atenção. O aplicativo campeão é o YouTube, onde eles assistem e veem as notícias, e depois o TikTok. Então você imagine, é uma notícia dada em gotinhas... No TikTok você tem que pular numa perna só para dar uma notícia (*risos*). Então, de fato é mesmo uma leitura bastante superficial. O que se pode depreender de tudo isso? Que se o fato não vier embalado em alguma outra coisa, seja opinião ou historinha, ele passa batido. Eles dizem que não se interessam por notícias. É claro. E aí, quando perguntam o porquê, o motivo é que elas são complicadas. Ou seja, é uma questão de linguagem. O grupo de jovens e o grupo de pessoas menos letradas se equivalem em relação a essa justificativa para não consumir a notícia.

Veras: *Isso parece sinalizar algo para os produtores de notícias, não?*

Januária Cristina Alves: Uma coisa assim indica que, ainda no jornalismo, a linguagem é mais complexa do que eles conseguem apreender. E esperam que as pessoas traduzam o que está acontecendo. Isso ocorre com muita frequência nas redes sociais. Tem sempre alguém comentando sobre o que aconteceu, e não o que aconteceu. Ou seja, a escola precisaria muito mais trabalhar as notícias com os alunos, o fato em si, já que, pelo jeito, eles procuram diretamente a interpretação da notícia. Um caminho que me parece bem viável é o de trabalhar as notícias em sala de aula como um formato de texto.

Veras: *Essa necessidade da notícia vir sempre embalada em uma opinião ou invólucro atraente não traz o risco de se criar um leitor infantilizado, incapaz de interpretar uma notícia por ele mesmo?*



Januária Cristina Alves: Sem dúvida, inclusive tem também um outro artigo no qual usei a fala de uma psicanalista que entrevistei uma vez, a Helena Maffei Cruz, que diz que essa geração suporta pouco a dúvida. É a geração do Google, né? Todas as respostas estão lá, hoje qualquer dúvida está no Google. E o que isso quer dizer? Ela diz que o amadurecimento do ser humano passa pela capacidade que ele tem de suportar dúvidas. Então, quanto menos dúvida eu suporto, mais infantil me torno. Eu acho que tem muito a ver com isso que você está dizendo. A partir do momento que o cara não consegue entender a notícia, ser capaz de ir lá no texto, traduzir, pegar, quebrar, fazer o que a gente chama de leitura crítica, que é quebrar em pedaços (a leitura crítica nada mais é do que isso: você pega e quebra o texto em pedaços para conseguir entender, para se aprofundar). Se eu não entendo, vou preferir que alguém me explique.

Veras: *Em relação a essa questão da leitura crítica, estou me lembrando de uma conversa que tive há pouco tempo com a minha filha, que tem 13 anos, sobre a guerra da Ucrânia, em que eu insistia para ela pelo menos ler alguns jornais ou assistir a um telejornal para saber o que estava acontecendo. E ela falou assim: “Ah! Mas o problema é que os jornais manipulam também”, e começou a trazer uns argumentos em relação à discussão da cobertura da mídia como sendo pró-Ucrânia e vilanizando o outro lado. O que me preocupou nessa questão de se ter um espírito crítico é que, de certa forma, se coloca tudo no mesmo barco, fato e opinião, posição ideológica dos veículos da grande mídia, papel dos influencers, jornalismo investigativo de fato etc. O que é preciso fazer para que o despertar dessa leitura crítica não se torne uma leitura criticadora de tudo?*

Januária Cristina Alves: Essa questão é complexa. Esta é uma geração que está crescendo com tanta *fake news* que realmente vai só duvidar, né? Só que há uma diferença entre ceticismo, que é essa desconfiança saudável, e o cinismo, que é embasado naquele argumento de que “todo mundo está mentindo e no fundo cada um defende os seus interesses”. Conseguir fazer esse ajuste fino é uma questão de maturidade. Você não consegue isso por decreto, nem do dia para a noite. É a questão que a gente está falando da formação leitora, que é um trabalho que, ao meu ver, tem que começar cada dia mais cedo. Outro dia participei de um webinar com professores de Educação Infantil preocupados com essas questões, que os meninos trazem na roda de conversa.



Veras: *A formação do leitor começa antes mesmo de ele se alfabetizar, é isso?*

Januária Cristina Alves: Sim, a formação leitora começa antes de a criança estar alfabetizada e a gente tem um exemplo concreto, com pesquisa e tudo, que é o caso da Finlândia. A Finlândia é um dos poucos países onde a educação midiática é obrigatória, e desde a Educação Infantil. Lá, o professor vai introduzindo essa questão do que é o texto, o que a pessoa está falando, quem está falando, porque está falando, sempre começando as narrativas de tradição oral, que são excelentes. Tem que caminhar junto com a alfabetização porque, como dizia o Paulo Freire, “a leitura de mundo precede a leitura da palavra”.

Veras: *Você é favorável a que a educação midiática se torne uma disciplina nas escolas ou é melhor que seja dada de forma transversal e multidisciplinar?*

Januária Cristina Alves: Eu acho que o caminho é transformar numa disciplina. Aí sou a favor do professor David Buckingham [professor aposentado da Universidade de Londres], que escreveu um manifesto, eu fiz a recomendação de tradução desse texto para o Sesc, e nesse manifesto ele diz claramente que a educação midiática não é para ser dada de qualquer jeito, dentro de qualquer disciplina. Ela deve ser estruturada como uma disciplina, e o professor tem que ser formado para isso. É uma questão que merece um olhar mais cuidadoso. Mas a realidade no Brasil é que o professor não é formado pra isso. Aliás, nem aqui, nem na maior parte dos países. Mesmo na Grã-Bretanha, que tem essa briga lá desde os anos 1990.

Veras: *É curioso que na BNCC só se fala de educação midiática no 5º ano, como se a criança não estivesse exposta a computadores e celulares antes disso...*

Januária Cristina Alves: Sim, eu acho isso uma falha grave. Até porque a BNCC tem uma preocupação muito bacana, e importante, em relação à leitura, à proficiência textual, à formação do repertório, se fala muito em educação literária. E mesmo no Ensino Médio, onde se criaram os itinerários formativos, a educação midiática não está lá. Mas, antes da educação midiática, há a questão do acesso. Isso porque os números dizem o seguinte: cerca de 60% da população mundial está conectada. O resto não está. Então, a própria informação digital também não está garantida.



Veras: *Aliás, aqui no Brasil a pandemia escancarou essa situação na rede pública, né?*

Januária Cristina Alves: Exatamente, se viu isso nas aulas virtuais – ou na falta delas. Então, a gente tem ainda que dar um passo atrás, que é garantir o acesso. Depois do acesso vem a compreensão. Mas de fato não faz sentido a BNCC não prever isso.

Veras: *Você comenta em um dos seus artigos no Nexa que uma das competências mais importantes a se conquistar para vencermos essa batalha da desinformação é adquirirmos um conjunto de conhecimentos que nos permita avaliar o que sabemos e, sobretudo, o que não sabemos. Por que você destaca principalmente a questão do não saber? Por que isso é importante? E como um professor pode ajudar o aluno a adquirir essa consciência?*

Januária Cristina Alves: Isso é o que os estudiosos estão chamando de segurança epistêmica. A gente virou prepotente por achar que “se a informação está ao alcance de um clique, eu sei de tudo”. Porque aí também não se faz uma curadoria informacional. E você realmente se torna vítima da avalanche de notícias. O que os jovens estão dizendo é que, além de eles não entenderem as notícias, eles estão muito cansados. Então é preciso, primeiro, conseguir não ter esse estresse informacional. Há hoje um termo para isso, *infoxication*, que é a intoxicação por excesso de informação, porque você está sendo vítima do que os algoritmos te oferecem. Então, a primeira boa pergunta é esta: “Será que você precisa saber tudo?” Eu fiz recentemente um trabalho para uma escola sobre Projeto de Vida para estudantes do Ensino Médio em que eu começava com essa indagação. “O que eu preciso saber?”. Bem, algumas coisas eu sei. Então você começa a se perguntar: “Quem eu sou? O que eu quero fazer? Que profissão eu quero escolher?”. Eu começo a me fazer perguntas que me darão esta profundidade sobre a qual a gente estava falando antes em relação à leitura, que vão exigir você parar para pensar. Porque não é qualquer resposta que serve. São perguntas que te levam a refletir. É trabalhar bem a questão das perguntas e da busca do caminho do percurso que você faz porque é que nem a história do João e Maria. Se você tem a pergunta quando entra na internet receberá uma sequência de respostas, e se você não tem muito claro o que te interessa saber sobre aquele assunto facilmente você se perde.



Veras: *Pensando na formação de professores, como seria uma em termos de educação midiática?*

Januária Cristina Alves: Na época em que eu fiz mestrado, a educação midiática ainda se chamava “leitura crítica dos meios de comunicação”. Hoje em dia é um curso mesmo, uma formação que se chama Educomunicação. Então, acho que a formação do professor tem que ser uma formação muito bem cuidada, e, nesse sentido, uma formação multidisciplinar, na qual, de fato, ele passe por várias áreas do conhecimento. E, principalmente, ter realmente uma vivência da produção do jornalismo. Quando eu colaborava para o programa Folha Educação, do jornal Folha de São Paulo, os professores eram levados para dentro do jornal, por exemplo, para eles conhecerem o processo de produção da notícia, aquilo que a gente chama de “conhecer os bastidores da notícia”. Como é que ela chega até o jornalista, como é que é feita, tudo isso é importante. Então, ele teria que ter uma formação em comunicação bastante robusta, e continuar sendo o educador que ele é, se aprimorar como educador.

Veras: *Nós vivemos uma época em que o consumidor de notícias, antes contido passivamente na condição de leitor, também se tornou produtor e analista de notícias, por conta da internet e das mídias sociais. Como a escola trabalha com essa diferença no consumo das notícias que o mundo digital trouxe e que alterou tão drasticamente esse padrão estabelecido desde a invenção da imprensa?*

Januária Cristina Alves: A coisa aí realmente embolou, né? Agora, qualquer um que tenha um celular na mão pode ser jornalista? Eu penso que discutir a produção da notícia é fundamental. De que maneira eu olho isso? Um dos capítulos da minha tese de mestrado foi fazer uma mesma proposta de jornal escolar com duas comunidades de alunos, uma que estava localizada na avenida Paulista [*região central da cidade*] e outra em Paraisópolis [*favela da zona sul de São Paulo*]. Duas realidades. E o jornal que eles produziram é um retrato da visão de mundo que aquelas crianças tinham no contexto em que viviam. E foi muito legal porque a hora que um viu o que o outro fez, estava tudo explicado. Por exemplo, os dois jornais tinham uma matéria sobre transporte público. Era a época do governo Jânio na prefeitura, havia aqueles ônibus de dois andares, e os meninos da avenida Paulista fizeram uma linda matéria com os ônibus que se pareciam com os de Londres. Já os meninos de Paraisópolis falavam da vida ferrada que eles levavam para conseguirem chegar na escola, andar pendurado na porta etc. Então, isso gerou uma boa reflexão



sobre o contexto da produção da notícia, de que material é feita a notícia. Daí também a importância de se refletir sobre a responsabilidade do que se publica. Por isso é importante falar com os influenciadores digitais. De certa forma, somos todos influenciadores digitais. Se você está nas redes, e tem dez seguidores, você tem responsabilidade com esses seus dez seguidores. Aquilo que você clica, aquilo que você compartilha, o que você produz para a rede está cumprindo um papel.

Veras: *Nesse sentido de se trabalhar a responsabilidade que todos temos como produtores de conteúdos um opção interessante para um professor, principalmente no Ensino Médio, poderia ser trabalhar com as agências checadoras de notícias?*

Januária Cristina Alves: Sim. Eu sei que a Lupa [agência checadora de notícias ligada ao UOL] está expandindo um programa nessa área de educação midiática oferecendo oficinas para os professores. É preciso se apropriar dos elementos que fazem parte da produção da notícia, cada aluno tem que saber que qualquer clique que você dá é uma assinatura embaixo daquilo que você está vendo ou lendo. Então, precisa ter uma consciência do que representa esse ato de estar nas redes sociais e de atuar nas redes.

Veras: *E sobre o tal capitalismo da vigilância, sobre essa diluição na fronteira entre a notícia e a interpretação, entre o que é matéria produzida e o que é merchandising, matéria paga ou branded content? O marketing das grandes corporações se aproveita dessa diluição para vender seus produtos, por exemplo, oferecendo uma roupa para algum influencer usar. Como a escola pode alertar sobre esse tipo de estratégia?*

Januária Cristina Alves: Essa coisa do capitalismo da vigilância passa por se entender que não existe plataforma gratuita. Compreender que estamos vendendo nossos dados para eles. É aquilo que já falei em determinada altura da nossa entrevista: são os algoritmos que estão nos governando. Eu estou aqui conversando com você. Se eu falar de uma viagem para Trancoso, para onde vou nas férias, será eu fechar essa entrevista aqui e vai começar a aparecer para mim, do nada, Trancoso nas promoções de viagens. Então, não existe gratuidade na internet. É o que nos mostra aquele documentário produzido pela Netflix, *O dilema nas redes*. Tudo foi pensado e formatado para prender a sua atenção e para obter várias informações sobre você, seus gostos, suas preferências. Estamos sendo expostos o tempo todo e os nossos dados são o petróleo dessa economia. E seguimos



sendo expostos ao que os algoritmos acham que nós gostamos e que nós queremos. Por isso é tão importante a curadoria do conhecimento, a segurança epistêmica. Saber o que eu realmente sei e o que eu quero não é, necessariamente, o que os algoritmos me oferecem. O professor David Buckingham fala isso, que muito mais importante do que ensinar esses meninos a terem uma audiência, a fazer *posts* nas redes, é entender o mecanismo, o que está por trás. É tornar isso o mais claro possível. Obviamente, a gente está lutando pela regulação das plataformas, tem que ter lei, tem que ter código, tudo isso é fundamental. Mas tem um lado que é nosso, e é o de conhecer como funciona essa engrenagem. Os influenciadores têm dito isso, inclusive. Eles têm uma percepção clara de que anunciar ou falar em um *post* de algo que não tem a ver com a identidade deles pode ser um tiro no pé. Sei que muitos deles estão trabalhando nessa direção, a de deixar bem claro o que eles estão vendendo. E aí você compra se você quiser, isso faz parte do negócio.

Veras: *Falando do lado das empresas de tecnologia, as chamadas big techs, o que essas empresas gigantescas poderiam estar fazendo e que não estão no sentido de uma curadoria em relação a conteúdos que envolvam risco de vida, ou que sejam racistas ou xenófobos, por exemplo?*

Januária Cristina Alves: Essa é a briga no mundo inteiro. Estamos todos em busca de mecanismos de regulação. Porque o que pega aí é a questão da liberdade de expressão, para o bem e para o mal. As plataformas dizem assim: “Ah, eu não posso censurar. Eu vou cortar um, não vou cortar outro, vou participar exatamente tirando o direito básico garantido pela Declaração de Direitos Humanos, que é o direito à expressão?” E é aí onde mora o perigo. Em nome do direito à livre expressão tem gente fazendo apologia ao nazismo. É uma questão de fundo extremamente complexa e que está na raiz mesmo do negócio das mídias sociais, que nasceram para ser a arena onde todos podem conversar, dialogar, um espaço livre de expressão, e a gente está vendo no que está dando essa história de liberdade. A liberdade vai até onde? Na verdade essa arena se transformou numa grande praça de guerra, com os discursos de ódio, *bullying*, o racismo nos algoritmos, porque já se comprovou que o algoritmo também pode ser programado para identificar se a sua cara é branca ou negra. Mas essa é uma questão complexa de regulação de lei. Aqui no Brasil a gente está lutando com isso. Temos uma eleição aí pela frente, o que nos preocupa muitíssimo com a questão das *fake news*, como aconteceu em 2018. A regulação muda a passos lentos. A Europa lançou



alguma coisa em relação aos direitos da criança, no sentido de garantir algum tipo de segurança. O país que se sai melhor, quer dizer, aquele em que a população menos cai em *fake news* é a Finlândia, que está investindo em educação desde sempre. Ou seja, o caminho é criar o cidadãos conscientes mesmo.

Veras: *Já dá para se avaliar o impacto da pandemia de Covid-19 na relação dos jovens com a tecnologia. De certa forma, houve uma intensificação do uso dos equipamentos tecnológicos de comunicação durante a pandemia. O que isso pode acarretar de mudança significativa?*

Januária Cristina Alves: Essa questão do tanto de horas que um jovem deve estar exposto ao mundo digital é outra questão que tem a ver com regulação. Primeiro, eu acho que é uma questão das famílias. A escola obviamente tem suas regras. Nela, os meninos não estão conectados o tempo todo, a escola tem outros espaços e eu acredito sempre na diversificação de fontes e de experiências, isso é fundamental. Quanto à regulação do tempo de cada um, tenho muita dúvida sobre a eficácia disso. É o caso do menino que dá boa noite, diz que vai dormir e depois os pais vão descobrir que o cara vira a noite conectado. E por isso não consegue acordar no dia seguinte. Quem de nós já não foi adolescente e não fez suas traquinagens? Então eu penso que essa regulação tem que ser feita muito mais pela oferta de outras experiências...

Veras: *Tipo tirar uma coisa e colocar outra no lugar?*

Januária Cristina Alves: Exatamente. Mas não se trata de lotar a agenda do menino ou da menina, com atividades de manhã até a noite, natação, canto etc, para tirar o adolescente das redes, como se isso fosse a solução. É preciso proporcionar diferentes tipos de experiência a esses jovens para que eles estabeleçam conexões, principalmente no ato da interação com o outro. A gente viu agora, durante a pandemia, o quanto pegar na mão de alguém faz diferença, né? Nesse sentido, a escola tem um papel importante de estabelecer essas conexões. Reclama-se que os meninos não leem, mas eles já foram até a biblioteca da escola, sabem o que dá para se fazer lá? “Ah, eu não gosto de museu!”. Mas, *pera* aí: a quantos museus você já foi na sua vida? Quais? É preciso ir questionando e aprofundando um pouco essa discussão, porque essa também é uma geração cheia das verdades né? Isso é isso, aquilo é aquilo, então eu acho que se questionando e aprofundando essas experiências



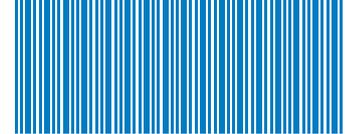
com os meninos é possível se chegar no meio-termo. Nós, pais e educadores, também precisamos desconstruir uma série de preconceitos que temos em relação à rede, fazendo outros usos mais saudáveis. E isso a escola também tem que fazer: trazer a rede para dentro da sala de aula, trabalhar com os meninos em conjunto.

Veras: *Quando começou seu interesse pelo tema da educação midiática. Houve um momento em que você pensou: “Opa, eu tenho que entender mais disso”?*

Januária Cristina Alves: Bem, na verdade eu virei jornalista por causa disso... Porque eu sou uma criança que num dia escreveu para um jornal infantil, um suplemento infantil chamado Júnior, do *Diário de Pernambuco*, que publicou minha carta. E isso mudou a minha vida. Então, costumo sempre dizer que a minha história pessoal está profundamente ligada a esse tema.

Veras: *Conte um pouco mais sobre essa história, por favor.*

Januária Cristina Alves: Eu morava em Garanhuns, no interior de Pernambuco, e minha mãe era uma leitora e assinante desse jornal, que tinha um suplemento infantil editado pela Tia Lola, que chegava na minha casa todos os sábados. Eu sempre gostei de contar histórias, de criar, e minha mãe falou: “Vai, manda, ela publica as histórias das crianças, quem sabe não publica a sua?” E assim foi. Eu escrevi “A história da cachorrinha”. Era sobre uma cachorrinha que estava perdida, mandei, e a tal história foi publicada. Minha primeira história publicada foi em um jornal, eu tinha 11 anos. E foi muito bacana porque a minha professora de português botou a minha história no mural da escola, a minha mãe comprou dez exemplares do jornal, deu para minha vó, deu para minha tia... aquilo para mim foi uma experiência transformadora. Eu pensei: “Nossa, uma história que eu contava para minha mãe, porque eu sou filha única, então contava para ela, essa história saiu daqui e ganhou o mundo...” E comecei a escrever mais histórias, mandava sempre, e eles publicavam. Até que a tia Lola, que era a editora desse suplemento (e que viveu 100 anos, morreu há dois anos, uma mulher incrível), falou: “Você vai ser embaixadora do suplemento no interior de Pernambuco, vai me mandar as notícias daí, o que aconteceu de novidade”. E assim eu fiz; depois entrei na faculdade de jornalismo porque obviamente eu pensei “é isso o que eu quero fazer”. Depois, quando eu estava



no meio do curso, ela me chamou para editar o Suplemento Júnior, do *Diário de Pernambuco*, com ela. Assim virei editora. E quando terminou meu curso de jornalismo, e eu já pensava em fazer uma pós-graduação, para mim foi claro que eu tinha que estudar um pouco como era esse fenômeno da produção de um texto jornalístico. A minha tese de mestrado tem a ver com isso, é sobre o texto noticioso como meio de expressão, porque eu percebia que, como editora, escolhia os assuntos que de alguma forma me afetavam. Foi daí que entrei em contato com o Paulo Freire, que na Faculdade de Jornalismo não tive oportunidade de conhecer. Então, eu efetivamente acredito no poder de educação das mídias. Nós vivemos mediados por elas, que são como que janelas para o mundo que a gente conhece. E o mundo é editado, não é tal qual acontece, o que chega para a gente é editado e faz muita diferença a gente saber disso e saber como essa mediação se dá, e como a gente se torna mais consciente e mais crítico. Eu entrei para o mestrado em 1988 e de lá pra cá nunca mais parei de pesquisar e de me interessar por esse tema. Depois disso, também comecei a me interessar por histórias da tradição oral, e virei escritora infantil.

Veras: *É interessante como você une as duas pontas, a tradição oral por um lado (estou me lembrando do seu livro *O Abecedário de Personagens do Folclore*), e a tecnologia digital por outro...*

Januária Cristina Alves: Sim, e no meu último livro, *Heróis e Heroínas do Cordel* [Companhia das Letrinhas, 2022], no qual selecionei cinco histórias tradicionais da literatura de cordel, faço essa ligação, de pensar que as notícias vieram todas da tradição oral. Os cordelistas, por exemplo, era como se fossem os jornalistas de antigamente, levando as notícias. Sim, somos todos contadores de histórias [jornalistas, escritores, trovadores]. É disso que a gente gosta.

